

**TEMPORALIDADES ACELERADAS NO NEOLIBERALISMO: UM OLHAR PARA
A ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

**ACCELERATED TEMPORALITIES IN NEOLIBERALISM: A LOOK AT
CONTEMPORARY SCHOOL**

**TEMPORALIDADES ACELERADAS EN EL NEOLIBERALISMO: UNA MIRADA A LA
ESCUELA CONTEMPORÂNEA**

Ana María Bermúdez Alfaro¹ 0009-0002-0644-0093

Fernando Fogaca² 0000-0001-8390-175X

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil;
am.bermudez75@uniandes.edu.co

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil;
fernando.fogaca@ufrgs.br

RESUMO:

Este ensaio teórico tem por objetivo discutir como as temporalidades de diferentes acelerações podem contribuir para pensar o espaço e os currículos da escola contemporânea. Para isso, dividiu-se o trabalho em três partes. Na primeira, apresentou-se o conceito de aceleração e seus efeitos na dimensão subjetiva mediante argumentos advindos do campo da Psicologia. Na segunda, investigou-se a aceleração e como ela tem figurado nas temporalidades características da contemporaneidade. Na terceira, traçou-se uma distinção analítica entre a escola moderna e a escola contemporânea a fim de se verificar os efeitos das temporalidades nos currículos escolares. Dessas análises, concluiu-se que a experiência temporal da aceleração é produzida pelo neoliberalismo e tem efeitos nos processos de subjetivação por meio do governo temporal. Verificou-se a existência de múltiplas temporalidades, aceleradas e desaceleradas, que são impulsionadas pela concorrência típica do neoliberalismo e coexistem no mundo social e em nossa subjetividade. Em relação à escola contemporânea, percebeu-se que os seus currículos têm sido constituídos por temporalidades aceleradas que possuem formas sincronizadas e dessincronizadas. Por fim, demonstrou-se a tese de que tanto a norma de conduta quanto o modelo de subjetivação neoliberal pode ser compreendido desde uma perspectiva temporal que produz efeitos na escola contemporânea.

Palavras-chave: tempo; aceleração; neoliberalismo; escola; currículo.

ABSTRACT:

This theoretical essay aims to discuss how the temporalities of different accelerations can contribute to thinking about the space and curricula of contemporary schools. To achieve this, the work was divided into three parts. In the first, the concept of acceleration and its effects on the subjective dimension were presented using arguments arising from the field of Psychology. In the second, acceleration was investigated and how it has figured in the temporalities characteristic of contemporary times. In the third, an analytical distinction was drawn between the modern school and the contemporary school in order to verify the effects of temporalities on school curricula. From these analyses, it was concluded that the temporal experience of acceleration is produced by neoliberalism and has effects on the processes of subjectivation through temporal government. It was verified the existence of multiple

temporalities, accelerated and decelerated, which are driven by the competition typical of neoliberalism and coexist in the social world and in our subjectivity. In relation to contemporary schools, it was noticed that their curricula have been constituted by accelerated temporalities that have synchronized and desynchronized forms. Finally, the thesis was demonstrated that both the norm of conduct and the neoliberal subjectivation model can be understood from a temporal perspective that produces effects in contemporary schools.

Keywords: time; acceleration; neoliberalism; school; curriculum.

RESUMEN:

Este ensayo teórico tiene como objetivo discutir cómo las temporalidades de diferentes aceleraciones pueden contribuir a pensar sobre el espacio y los currículos de las escuelas contemporáneas. Para lograrlo, el trabajo se dividió en tres partes. En el primero se presentó el concepto de aceleración y sus efectos en la dimensión subjetiva utilizando argumentos provenientes del campo de la Psicología. En el segundo, se investigó la aceleración y cómo ha figurado en las temporalidades propias de la época contemporánea. En el tercero, se trazó una distinción analítica entre la escuela moderna y la escuela contemporánea para verificar los efectos de las temporalidades en los currículos escolares. De estos análisis se concluyó que la experiencia temporal de aceleración es producida por el neoliberalismo y tiene efectos en los procesos de subjetivación a través del gobierno temporal. Se constató la existencia de múltiples temporalidades, aceleradas y desaceleradas, que son impulsadas por la competencia propia del neoliberalismo y coexisten en el mundo social y en nuestra subjetividad. En relación a las escuelas contemporáneas, se observó que sus currículos han estado constituidos por temporalidades aceleradas que han sincronizado y desincronizado formas. Finalmente, se demostró la tesis de que tanto la norma de conducta como el modelo de subjetivación neoliberal pueden entenderse desde una perspectiva temporal que produce efectos en las escuelas contemporáneas.

Palabras clave: tiempo; aceleración; neoliberalismo; escuela; currículo.

Introdução

Parece haver uma tensão insolúvel e permanente entre a experiência do tempo e a sua representação. Nosso senso de tempo recusa-se teimosamente a submeter-se à cronometria. Embora seja verdade que os relógios e os calendários regem as nossas vidas e nos permitem viver juntos de forma coordenada, é também o que vivemos, temporariamente, colorindo em vários tons as nossas longas horas de tédio, os nossos breves momentos de prazer; tecendo memórias e desenhando amanhã melhores no horizonte (Valencia García, 2012, p. 167, tradução nossa).

Iniciamos este artigo com uma elucidativa introdução da socióloga mexicana Guadalupe Valencia García, uma das autoras latinoamericanas que mais tem se preocupado em abordar o tempo na sua dimensão social. De acordo com suas análises, geralmente pensamos no tempo como um fluxo que parece ocorrer fora de nós e que passa de forma sequencial, um tempo que percebemos como nos devorando a cada instante e que diariamente nos impõe controle por meio de dispositivos de medição como o calendário e o relógio. No entanto, a autora evidencia que pensar o tempo a partir de sua dimensão social também

significa pensar nas suas inerentes contradições, produtos de tensões que emergem entre sua conceituação linear e experimentação pontual. Dito de outra maneira, enquanto existe um tempo *cronos*, exato e concebido sob premissas homogeneizadoras, há outro tempo *kairós*, subjetivo que se experimenta de forma única, ambos cristalizados numa única palavra: “tempo” (Valencia García, 2012). De fato, essa ambivalência não é uma novidade, pois tem sido constatada, revisitada e eventualmente expandida em trabalhos recentes no cenário acadêmico atual (Maia, 2017; Spat, 2019; Gusmão; Jesus; Marques, 2020; Ferreira; Emilião, 2022; Lemos; Quinalha, 2023).

Acompanhando as teorias pós-estruturalistas da linguagem, entendemos que discutir um conceito tão naturalizado e ambivalente como o tempo é uma tarefa arriscada. Ainda que reconheçamos a iminência de cairmos nas armadilhas da linguagem (Wittgenstein, 2014), nos propomos neste artigo a problematizar os tempos a partir da noção de *temporalidades*, aqui entendidas como formas de reconhecer a multiplicidade de tempos que acompanham a complexidade e a multidimensionalidade da vida social. Por meio dessa definição, assumimos que o tempo é uma construção resultante das relações humanas e há tantos tempos quantos forem os mundos sociais e culturais (Carbonell, 2004; Valencia García, 2012; Cristiano, 2018). Com isso, nos aproximamos das noções provenientes dos domínios epistemológicos chamados de Antropologia ou Sociologia do Tempo, áreas de estudo com fronteiras porosas que têm reunido importantes linhas cumulativas de pesquisa e que tomam o tempo ou os tempos sociais como eixo de suas indagações (Cristiano, 2018).

Considerando as múltiplas facetas das temporalidades, voltamos nosso olhar para aquelas que tratam de como as pessoas vivenciam os tempos no mundo contemporâneo, particularmente em contextos de sociedades Ocidentais – portanto, fortemente constituídas por intermédio de uma racionalidade neoliberal. Dardot e Laval (2016) apresentam o neoliberalismo como a “nova razão do mundo” – não apenas porque organiza a esfera econômica, política e social, mas porque, como norma, atravessa as maneiras pelas quais as pessoas se relacionam, construindo um tipo particular de subjetividade. “É um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que estruturam e organizam a ação dos governantes e a conduta dos próprios governados de acordo com o princípio universal da concorrência” (Dardot; Laval, 2016, p. 15). Segundo os autores, o neoliberalismo é a razão de ser do capitalismo contemporâneo, cuja norma de conduta é a concorrência e a empresa é o modelo de subjetivação. Isso nos leva a crer que existe um conjunto de temporalidades que, por serem contemporâneas e ocidentalizadas, são atravessadas pela racionalidade neoliberal.



Partindo dessa premissa e da nossa posição de educadores que atuam na formação de professores, conjecturamos que tanto a norma de conduta quanto o modelo de subjetivação neoliberal pode ser compreendido desde uma perspectiva temporal que produz efeitos na escola contemporânea. O motivo dessa suspeita está na convicção de que a maioria de nós experimentamos de maneira preponderante como é viver em um mundo em que princípios como a concorrência, a produtividade, a velocidade e o sucesso individual marcam nosso senso diário de levar uma vida profundamente acelerada (Sugarman; Thrift, 2017). Essa forma de vida experimentada desde a aceleração impactaria as formas como nos relacionamos conosco e com o resto mundo; por isso, da mesma forma que Rosa (2016), interessamo-nos em entender o quê está sendo acelerado, particularmente no contexto dessa nova razão do mundo neoliberal.

Na visão que compartilhamos com Silva (2009) e Paraíso (2012), proveniente das vertentes pós-moderna e pós-estruturalista que compõem os Estudos Culturais – ou teorias pós-críticas do currículo –, entendemos o currículo como um território contestado no qual relações de poder são exercidas a fim de se estabelecer determinadas significações, que pretendem instituir determinados saberes gestados na cultura. Nesse processo, “[...] o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (Silva, 2009, p. 139), ou seja, pressupõe-se que os elementos discursivos presentes nas relações sociais efetivamente selecionam e ensinam conhecimentos específicos, um ato reconhecidamente curricular. Sendo assim, partindo de uma perspectiva pós-crítica da educação e dos currículos, acreditamos que a configuração social do tempo produz efeitos nos currículos contemporâneos e, portanto, nas escolas e seus sujeitos.

A fim de investigar com maior profundidade essa conjectura, inspiramo-nos nas premissas das pesquisas pós-críticas em educação e currículo descritas por Paraíso (2012, p. 30, grifo do autor), sintetizadas no pressuposto de que “[...] nas escolas, em diferentes instituições e espaços, nos currículos e nos mais diferentes artefatos *estão presentes relações de poder de diferentes tipos [...]*”. Em consonância com essa perspectiva, não nos preocupamos em manter uma linha epistemológica única, nem nos comprometemos com um ou outro domínio de saber, mas utilizamos as ferramentas que temos à nossa disposição para dar sentido às verdades com as quais temos contato em nossas leituras. É com base nessas discussões que definimos o objetivo para este ensaio teórico, qual seja, discutir como as temporalidades de diferentes acelerações podem contribuir para pensar o espaço e os currículos da escola contemporânea.



Para desenvolver esse objetivo, dividimos o artigo em três partes. Na primeira, apresentamos o conceito de aceleração e seus efeitos em uma dimensão subjetiva, abordadas sob a perspectiva dos psicólogos Sugarman e Thrift (2017) e Hernández Zapata e Bedoya Hernández (2022). Graças às suas contribuições, argumentamos que a experiência temporal da aceleração é produzida pelo neoliberalismo e tem efeitos nos processos de subjetivação por meio do governo temporal.

Na segunda parte, abordamos a proposta de Rosa (2016) sobre a teoria social da aceleração, a fim de entender a aceleração como a temporalidade característica da contemporaneidade. Nesse sentido, vinculamos a discussão das temporalidades ao neoliberalismo, entendido sob o ponto de vista de Dardot e Laval (2016). A partir dessas perspectivas teóricas, argumentamos que existem múltiplas temporalidades aceleradas impulsionadas pela concorrência e caracterizadas por marcas como a velocidade, imediatismo, fragmentação, descontinuidade e abreviação. Essas diferentes temporalidades de aceleração e desaceleração coexistem no mundo social e em nossa subjetividade.

Por fim, na terceira e última parte, abordamos a escola a partir de uma perspectiva temporal e traçamos uma distinção analítica entre a escola moderna e contemporânea, a fim de distinguir temporalidades características de cada tipo de escola. A abordagem temporal da escola moderna se baseia em algumas das teorizações de Michel Foucault (1999) sobre o poder disciplinar e a escola contemporânea descrita por autores como Saraiva e Veiga-Neto (2009), Sibilia (2012) e Laval (2019). A partir do diálogo com esses autores, refletimos sobre como a escola contemporânea tem sido impactada pela concorrência própria do neoliberalismo e configurado temporalidades aceleradas que coexistem de formas sincronizadas e dessincronizadas.

Aceleração e governo temporal dos sujeitos neoliberais

Jeff Sugarman e Erin Thrift são psicólogos canadenses, autores do artigo intitulado *Neoliberalism and the psychology of time*¹. Nele, os autores examinam como a ordem neoliberal contemporânea está remodelando nossa experiência e compreensão do tempo e como essa reconfiguração do tempo está reorientando e reorganizando a vida psicológica individual e coletiva (Sugarman; Thrift, 2017). De acordo com os autores, a experiência temporal da aceleração é considerada um mal-estar de nossa era, uma questão sintomática de nossas atuais circunstâncias sociopolíticas e econômicas produzidas pelo neoliberalismo.

¹ Pode ser traduzido como “Neoliberalismo e a psicologia do tempo”.



Sugarman e Thrift (2017) iniciam sua escrita com o famoso ditado capitalista “*time is money*” (“tempo é dinheiro”), destacando que a conjunção entre velocidade e lucro tem sido o elo que alimentou a aceleração contínua da modernidade. Argumentam que não se pode pensar em aceleração sem concorrência, pois ela é o que motiva a intensificação da produção. Da mesma forma, dizem que a época do capitalismo é a época da linha ilimitada e da aceleração permanente. É o tempo em que as mercadorias, as mensagens e até mesmo as pessoas se movem cada vez mais rápido. Tentamos fazer o máximo possível de coisas no menor tempo possível e essa experiência de vida acelerada não é apenas imposta de fora, mas também reproduzimos essa aceleração conosco mesmos. Podemos afirmar que esta é uma das características de nossa vida contemporânea ou uma das características de nossa subjetivação atual: a ideia de fazer o máximo de coisas possível e, ao mesmo tempo, perceber que fazemos uso eficiente do tempo. Sentir-se permanentemente acelerado nos faz sentir mais competitivos ou “melhores” empresários de si, alinhados à subjetividade típica da racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016).

Apoiados nas ideias de outros pensadores, Sugarman e Thrift (2017) ponderam que nosso atual estado de aceleração é uma consequência do uso onipresente de tecnologias, principalmente as redes sociais. De acordo com os autores, a tecnologia informática na era neoliberal transformou os processos do capitalismo de forma a modificar o tempo em um plano de temporalidade globalmente interconectado. Estamos vivendo no “tempo da rede”, caracterizado como global e multitemporal, o que de certa forma apaga a relevância do tempo do relógio. Não é que o *cronos* não marque os ritmos da vida contemporânea, apenas que ele não é mais determinante para estabelecer certas comunicações.

Além dessa dimensão temporal de estarmos globalmente interconectados, Sugarman e Thrift (2017) apontam que o neoliberalismo e as novas tecnologias de comunicação forjaram uma nova temporalidade de aceleração e imediatismo; um “presente constante” no qual nosso pensamento é cada vez mais abreviado. Nesse sentido, os autores argumentam que não é apenas *o nosso pensamento* que está se tornando mais fragmentado, mas *nós mesmos* que estamos nos tornando mais fragmentados. Isso ocorre à medida que os traços constitutivos de nossa personalidade, nosso eu, relacionamentos e as culturas dentro das quais somos constituídos se tornam abreviadas, descontínuas e menos coerentes sob as restrições do tempo.

Na visão de Sugarman e Thrift (2017), essa experiência individual de vida apressada, fragmentada e desarticulada dos sujeitos neoliberais dificulta a capacidade das pessoas de



formar personalidades sólidas e duradouras, produzindo uma sensação de desconforto. De modo geral, as abordagens que têm sido propostas pela Psicologia para lidar com esse desconforto da aceleração têm sido feitas a partir de uma questão de responsabilidade individual e de como cada pessoa administra seu tempo. A evidência disso está no fato de que “O gerenciamento do tempo, como um remédio para o estresse associado à vida corrida, é amplamente promovido em volumosa literatura acadêmica e popular da Psicologia sobre este assunto” (Sugarman; Thrift, 2017, p. 15, tradução nossa). Essas estratégias de gerenciamento de tempo prometem alívio, pois há um benefício em planejar, priorizar e organizar atividades; estabelecer metas e saber sobre como estamos gastando nosso tempo. No entanto, os autores sustentam que a crença de que podemos superar as ansiedades de nos relacionarmos com o tempo por meio de sua divisão em segmentos cada vez menores e mais precisos cria mais fragmentação em nossas vidas, aumentando o estresse e os sentimentos de impotência. Ou seja, assim como todos os mecanismos presentes no dispositivo neoliberal, produz-se um efeito semelhante a um “[...] remédio que alimenta o mal que deveria curar” (Laval, 2019, p. 21).

Acreditamos que a perspectiva apresentada por Sugarman e Thrift (2017) sobre a aceleração temporal vivenciada pelos sujeitos na racionalidade neoliberal é interessante para entender nossa relação com o tempo em seu aspecto individual. Uma outra forma de analisar o tempo é mediante a lógica econômica, uma discussão feita pelos psicólogos colombianos Edwin Hernández Zapata e Mauricio Bedoya Hernández. Os autores apontam que a emergência do capitalismo possibilitou a concepção do tempo como um *recurso* – portanto, sujeito à escassez e carente de uma gestão eficiente que atenda às demandas mercado. Associado à racionalidade neoliberal, esse deslocamento trouxe a sensação de que “[...] à medida que aumenta a aceleração da sociedade, aumenta também a sensação generalizada de escassez de recursos temporais, produzindo-se uma tensão entre as exigências sociais de velocidade e os ritmos subjetivos” (Hernández Zapata; Bedoya Hernández, 2022, p. 2327). Sendo assim, afirmam que a experiência temporal neoliberal prioriza a rapidez e o imediatismo, enquanto a lentidão e a quietude se tornam características desprezadas pelo governo do tempo neoliberal.

Inspirados por esses pressupostos e pelas teorizações de Michel Foucault, Hernández Zapata e Bedoya Hernández (2022) desenvolvem o conceito de *governo temporal*, isto é, um olhar a partir de uma perspectiva temporal sobre a governamentalidade neoliberal e as formas pelas quais o comportamento dos sujeitos é dirigido atualmente. Esse tipo de governo,



segundo os psicólogos, atua por intermédio de ritmos que são representados pelos conceitos de velocidade, presentismo e concorrência. O conceito que sintetiza as características das sociedades ocidentais do século XXI é o de *aceleração*, entendido como a forma de economizar tempo, aumentar a eficiência e proporcionar a sensação generalizada de falta de tempo – um movimento de retroalimentação típico do neoliberalismo.

Um dos pontos centrais da argumentação de Hernández Zapata e Bedoya Hernández (2022) está no fenômeno de achatamento do tempo como resultado da amalgamação de todas as esferas da vida que a racionalidade neoliberal produz em torno da economia e da empresa. Para eles, esse processo de unificação associa o tempo – agora achatado – à ideia de rendimento ilimitado. Diante disso, evidenciam uma concepção de tempo como técnica de poder, isto é, como forma de governar os corpos e as práticas cotidianas para a regulação dos sujeitos neoliberais. Em oposição, o desgoverno do tempo seria uma ameaça à segurança por possibilitar a emergência de “[...] novas verdades temporais para o relacionamento consigo mesmo, os outros, o meio ambiente, o saber, o mercado e a economia” (Hernández Zapata; Bedoya Hernández, 2022, p. 2330, tradução nossa).

Ainda que partam de lugares diferentes, compreendemos que tanto Sugarman e Thrift (2017) quanto Hernández Zapata e Bedoya Hernández (2022) convergem para a ideia de que a sociedade atual vive um momento de aceleração, impulsionado pelas redes sociais e as novas tecnologias (Hassan, 2009). Baseado nesse autores, verificamos que a captura generalizada da vida e do tempo operacionalizados pelas táticas neoliberais de governar acabam produzindo determinados tipos de sujeitos, os quais se constituem imersos em uma lógica de aceleração gestada especificamente para a manutenção dos valores temporais e econômicos do neoliberalismo. Com isso, pensamos ter atendido à nossa proposta para esta primeira parte, mostrando o papel da experiência temporal e da aceleração na constituição dos sujeitos neoliberais. Na seção seguinte, inspirados pelo campo da Sociologia, nos dedicamos a compreender melhor as características dessa aceleração e como ela produz determinadas temporalidades na contemporaneidade.

Os processos de (des)aceleração como temporalidades neoliberais

O sociólogo alemão Harmut Rosa tem se dedicado a discutir aspectos sobre o tempo e a aceleração nas sociedades contemporâneas. O autor pondera que talvez não se trate de um processo singular de aceleração social, mas de um conjunto de fenômenos de aceleração possivelmente não relacionados entre si, juntamente com alguns fenômenos de desaceleração



(Rosa, 2016). Da mesma forma, entende que não há um padrão único de aceleração da velocidade, o que nos leva a considerar que nem todos os processos da vida social se aceleram no mesmo ritmo. Sobre esses fenômenos de diferentes acelerações, Rosa (2016) propõe uma classificação de três categorias analítica e empiricamente distinguíveis: aceleração tecnológica, aceleração da mudança social e aceleração dos ritmos de vida.

Com relação à *aceleração tecnológica*, o autor diz que ela talvez seja a mais óbvia e que seu objetivo é acelerar várias operações, como o aumento da comunicação, a velocidade do transporte e o processamento de dados. Os efeitos da aceleração tecnológica na realidade social são tremendos e, entre eles, o que o autor mais destaca tem a ver com uma espécie de “contração” do espaço; em outras palavras, quanto mais rápido viajamos, temos a sensação de que o espaço é menor. O segundo nível analítico é o de *aceleração da mudança social*, o qual, ao contrário do anterior, ocorre dentro da sociedade. A percepção do autor é a de que a mudança social mostra que questões como atitudes e valores, bem como modas e estilos de vida, relacionamentos, grupos, classes, idiomas e outros, estão mudando com velocidade crescente (Rosa, 2016, p. 24). Em terceiro lugar, há a *aceleração dos ritmos de vida* que, segundo o autor, está relacionada à aceleração da mudança social. Sob essa ótica, percebe que, cada vez mais, há uma sensação crescente de “fome de tempo” ou de que o tempo que temos nunca é suficiente e é sempre necessário.

Rosa (2016) reflete que a aceleração tecnológica deveria levar a um aumento do tempo livre e a redução do ritmo de vida – ou, pelo menos, eliminar/aliviar a “fome de tempo”. No entanto, pontua que isso não está acontecendo. Sob a ideia e a sensação de que o tempo que temos não é suficiente, fazemos mais coisas no mesmo intervalo de tempo. É por isso que, segundo o autor, encontramos pessoas que optam por fazer várias atividades ao mesmo tempo para sentir que o aproveitamos melhor – por exemplo, cozinhar enquanto ouvem um podcast e respondem a mensagens no celular.

Rosa (2016, p. 53-54, tradução nossa) entende que “As pessoas começam a sentir a pressão para se manterem em dia com a velocidade das mudanças que experimentam no seu mundo social e tecnológico, para evitar a perda de opções e conexões potencialmente valiosas e para manter suas possibilidades de competir” (Rosa, 2016, p. 53-54, tradução nossa). Visto sob outro prisma, seria possível compreender que a sensação de uso eficiente do tempo nos faz pensar que estamos exercendo um governo adequado sobre nós mesmos e, portanto, que estamos nos tornando sujeitos competentes. É nesse ponto que consideramos a concorrência um ponto chave de convergência com a proposta dos franceses Dardot e Laval (2016). A



concorrência, na perspectiva dos autores, é a norma de conduta da racionalidade neoliberal. Como a empresa é o modelo de subjetivação, o sujeito empresário de si é entendido como alguém competitivo *também em termos de aceleração*, porque está acompanhando a velocidade das mudanças no mundo social e tecnológico.

Ainda que se prime pela aceleração em prol de uma vantagem competitiva, Rosa (2016) sustenta que a aceleração não tem predominado em toda a amálgama produzida pelo achatamento do tempo. O autor indica que é possível encontrar outra gama de *efeitos desaceleradores* da vida social que, a princípio, não podem ser acelerados, tais como o tempo que se leva para a renovação dos recursos naturais, o ciclo de uma gravidez e o ciclo das doenças como a gripe comum. Além disso, evidencia que fenômenos como os congestionamentos urbanos e a depressão podem ser entendidos como uma *reação desacelerada à aceleração*, isto é, um efeito produzido pela própria aceleração. Não se trata, como Rosa (2016) propõe, de conceber a aceleração e a desaceleração como ritmos temporais antagônicos ou contrários; trata-se de assumir a existência de velocidades assimétricas que fazem parte dos mesmos processos constitutivos das sociedades ocidentais neoliberais. Novamente, nos deparamos com a lógica perversa do neoliberalismo enquanto gestor do sofrimento psíquico (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2021), visto que essas desacelerações são entendidas como a incapacidade dos indivíduos de manter um ritmo acelerado de competitividade.

Diante desses debates, compreendemos que a premissa de que a unificação de todas as esferas da vida e o achatamento do tempo preconizados pelo neoliberalismo – tal como proposta por Hernández Zapata e Bedoyas Hernández (2022) – é refutada pelo argumento de que tanto a aceleração quanto a desaceleração fazem parte das temporalidades neoliberais (Rosa, 2016). Ao invés disso, passamos a assumir que, no neoliberalismo, todas as esferas da vida *tentam* se acelerar, mas a aceleração também implica desaceleração. Assim como proposto, confirmamos a ideia de que a aceleração é a característica principal das temporalidades neoliberais e que estas são impulsionadas pelo princípio da concorrência (Dardot; Laval, 2016); no entanto, concordamos com a ideia de que aceleração e desaceleração coexistem nessas temporalidades e que esse tensionamento faz parte da forma neoliberal de governar que captura a tudo e a todos – inclusive aos sujeitos escolares e à instituição da escola, sobre a qual iremos debater na seção seguinte.

Temporalidades aceleradas e a escola contemporânea



[...] ambos [estudantes e professores] estão na mesma escola, mas o tempo desta escola tem diferentes significações para seus numerosos atores. O quadro branco e o smartphone são metáforas para este descompasso: o tempo do quadro é lento, acompanhando a mão que está escrevendo, na expectativa de que a cópia permanentemente imprima o aprendizado no livro de exercícios e na memória; o tempo do smartphone é rápido, as mensagens conectam o estudante com seus amigos da rua, a música permite que eles participem da cultura jovem, as redes sociais instantaneamente os informam o que está ocorrendo lá fora, mas também os convida para rapidamente esquecerem o que estão aprendendo (Franch; Souza; 2015, p. 447, tradução nossa).

Durante sua jornada etnográfica a uma escola brasileira no estado da Paraíba, Franch e Souza (2015) constatam um descompasso que é visível nas salas de aula das escolas contemporâneas. As ações não correspondem à velocidade vivenciada na sociedade em rede, produzindo desconforto para uns e alívio para outros que convivem entre a aceleração e a desaceleração. A presença concomitante desses dois aspectos não surpreende, dada a discussão recente feita por Rosa (2016). No entanto, o que nos chama a atenção são as particularidades das temporalidades nas diferentes escolas produzidas em nossa sociedade, as quais nos parecem entrar em choque quando os sujeitos constituídos sob suas diferentes lógicas se encontram.

Antes de relacionarmos a escola ao neoliberalismo, consideramos ser necessário explicar sobre qual escola estamos falando, ou seja, fazer uma diferenciação entre a escola moderna e a escola contemporânea, pois compreendemos que ambas atendem a sistemas de produção econômica diferentes. Mais especificamente, o interesse em abordar a escola desde uma perspectiva temporal está em investigar, por uma parte, os traços temporais característicos da escola moderna que sobrevivem na escola contemporânea e, por outra, aquelas temporalidades aceleradas que foram introduzidas na escola contemporânea pela racionalidade neoliberal e que são palpáveis nos currículos a partir de marcas como a velocidade, imediatismo, fragmentação, descontinuidade e abreviação.

Para falar de escola moderna, escolhemos dialogar com Michel Foucault, especificamente sobre suas considerações acerca do poder disciplinar que, em nossa percepção, oferece elementos úteis para a compreensão do tempo na escola. Foucault (1999) expõe a natureza produtiva da disciplina como uma forma de docilização por meio de estratégias sutis para tornar o corpo útil e produtivo para a sociedade. Argumenta que a disciplina busca aumentar as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminuí-las em sua dimensão política, tornando o corpo obediente. Em seguida, anuncia que o poder disciplinar é um dos elementos necessários para uma sociedade normalizada, pois atua no



processo de subjetivação dos indivíduos, delimitando o que é considerado normal ou anormal por meio de um modelo para o qual os indivíduos devem ser conduzidos.

Essa potente ideia de poder disciplinar presente na norma nos leva a considerar, como propôs Foucault (1999), que instituições como a escola contribuem para organizar a vida coletiva, de tal forma que torna a norma algo tão internalizado e tão cotidiano que não é possível perceber o que é estranho. Nesse sentido, o trabalho do historiador Edward Palmer Thompson ajuda compreender como foi o processo de disciplinamento da classe trabalhadora na Inglaterra do século XVIII por meio do uso do relógio. Segundo Thompson (2000), o tempo do relógio, que é cronológico e linear, foi parte de um extenso processo de normalização da classe trabalhadora. Sua internalização ocorreu graças à escola, a fim de organizar e sincronizar as atividades da vida coletiva em função do sistema industrial capitalista. Uma análise semelhante é apresentada por Foucault (1999), o qual utiliza a escola como exemplo para apresentar quatro funções disciplinares e três instrumentos que operam como mecanismos ligados aos exercício do poder nas instituições.

Com relação às principais funções disciplinares descritas por Foucault (1999), salientamos que duas das quatro se referem às maneiras pelas quais o poder disciplinar opera não apenas no espaço, mas também no tempo. Para o funcionamento da disciplina, há a necessidade da produção de um espaço útil, donde se saiba a posição definida de cada indivíduo, para exercer o controle sobre suas ações. O controle da atividade busca o máximo aproveitamento do tempo que a investe e também do corpo que a desenvolve. Importa a produção de um tempo útil, respeitando-se o horário do cumprimento de cada atividade, a qualidade do tempo investido em cada ação, visando a anular todas as possibilidades de distração e perturbação.

Foucault (1999) nos permite entender que o tempo que opera para o poder disciplinar não é apenas um tempo-norma que organiza as atividades escolares, é também um tempo que regula as individualidades a fim de sincronizá-las com o ritmo do tempo linear ou sequencial. Esse assunto é abordado pela pesquisadora espanhola Rosa Vázquez Recio, a qual sustenta que, na escola disciplinar, “O tempo é encarregado de administrar o que deve ser feito em cada momento da jornada escolar, amalgamado em horários e calendários que o alunado assume sem questionar. Também é o mecanismo de controle do professorado pela equipe diretiva” (Vázquez Recio, 2007, p. 3, tradução nossa). Essa forma de tempo linear é ainda mais explícita quando, se pensa nos currículos – aqui entendidos de maneira ampla (Silva, 2009; Paraíso, 2012) – que permeiam as escolas contemporâneas.



Vázquez Recio (2007) se propõe a pensar no tempo-norma da escola a partir da perspectiva do poder disciplinar de Foucault (1999) e, para isso, assume a existência de dois níveis: um tempo que orienta a organização escolar, que é o tempo dos horários e do calendário; e um tempo na organização escolar, ou seja, “O tempo vivido, tempo de experiência individual, não é o tempo do relógio, nem o tempo designado para determinada matéria: é um tempo subjetivo, da vivência consciente” (Vázquez Recio, 2007, p. 7, tradução nossa). Essas duas formas de tempo narradas pela autora podem ser entendidas desde a nossa leitura como temporalidades. Por um lado, as temporalidades que organizam o tempo da escola para sincronizar as atividades da instituição, próximas à figura do tempo *cronos*; por outro, as temporalidades dessincronizantes experimentadas pelos sujeitos, vinculadas aos tempos *kairós* ou *aión* (Ferreira; Emilião, 2022).

Embora Vázquez Recio (2007) não utilize o conceito de temporalidade em seu texto e se refira ao tempo de forma singular, destacamos suas anotações sobre os efeitos produzidos pela internalização da norma-tempo nos estudantes, principalmente as ações que contrapõem o assujeitamento e a sincronização às temporalidades em questão. Diz o seguinte:

“Atrasar-se”, “não terminar a tempo”, “realizar com lentidão uma prova de avaliação”, “não aproveitar adequadamente o tempo”, são anomalias na sincronia entre o tempo pessoal e o escolar. Se o aluno é mais rápido, então será classificado como adiantado ou será considerado que o ritmo de desenvolvimento do ensino o faz “perder tempo”; com o aluno menos rápido, sempre parece que há uma perda de tempo (Vázquez Recio, 2007, p. 9, tradução nossa).

A autora afirma que a *sincronização* entre o tempo escolar e o tempo pessoal do aluno é valorizada positivamente, pois mostra que o aluno internalizou a norma do tempo como a instituição e a sociedade esperam. Todavia, quando o estudante demonstra que está se movendo em um ritmo mais lento do que o previsto pela norma, ele é considerado “lento”, “atrasado”, uma anomalia na sincronia entre o tempo escolar e o tempo pessoal ou, nos termos que propormos aqui, uma *dessincronização* das temporalidades. Nesse sentido, Vázquez Recio (2007) nos leva a entender que as sincronizações de diferentes temporalidades é valorizada positivamente na escola, porque mostra a internalização da norma. Em contrapartida, as dessincronizações acabam sendo vistas como anomalias na sincronia entre temporalidades.

Até o momento, tecemos alguns comentários sobre a escola moderna e os mecanismos do poder disciplinar (Foucault, 1999) sobre as suas temporalidades (Vázquez Recio, 2007). Ao nos aproximarmos dos debates sobre a escola contemporânea, consideramos importante



nos remeter à obra de Laval (2019) para considerar como certas reformas e discursos, principalmente econômicos, impuseram uma nova ordem educacional que coloca a escola a serviço da concorrência econômica, impondo sobre ela uma forma de gestão semelhante à de uma empresa. Um dos efeitos do neoliberalismo na escola é a sua concepção como uma mercadoria. Para que a escola seja um produto fácil de vender, ela deve concorrer para captar a atenção de seus clientes se quiser conquistar seguidores e subsistir (Sibilia, 2012). Os estudantes na escola contemporânea, explica Sibilia (2012), são descritos como consumidores insatisfeitos com o produto escolar que o mercado atual lhes oferece, de modo que é necessário cativá-los com táticas de *marketing* para que se interessem por tal mercadoria. Daí que na atualidade sejam tão comuns imagens que Laval (2019) refere quando pensa na escola com uma empresa: a criança-rei, o gestor empresarial em assuntos educacionais, a escola descentralizada, o pedagogo não diretivo, o avaliador científico e a família consumidora.

Laval (2019) entende que, em uma sociedade cada vez mais marcada pela incerteza, a escola de hoje deve preparar os estudantes para um cenário de transformações permanentes, organização flexível e inovação constante. De acordo com Saraiva e Veiga-Neto (2009, p. 195), essas transformações, que são impulsionadas pela concorrência, “[...] torna[m] o tempo descontínuo, rompe[m] o vínculo entre dois pontos. O que se experimenta é um eterno presente, pois a invenção nos desconecta do passado e não permite que se preveja com alguma clareza o futuro. A isso, costuma-se chamar presentificação”. Essa presentificação na escola está relacionada não só ao cenário de incerteza, mas também à velocidade, imediatismo, fragmentação e abreviação, marcas que caracterizam as temporalidades produzidas no neoliberalismo.

Diante dessas colocações, pensamos que fenômenos como a ânsia das escolas contemporâneas em acrescentar projetos de aprendizagem a suas propostas curriculares representam uma forma de concorrer no ritmo acelerado imposto pelo mercado, dado que “Os projetos de aprendizagem visam a transformar o longo prazo de recebimento da recompensa em curto prazo, produzindo uma satisfação imediata. O tempo contínuo da escola disciplinar torna-se assim um tempo pontilhista, marcado pela sucessão de projetos” (Saraiva; Veiga-Neto, 2009, p. 198). Também a pedagogia não diretiva e estruturada de modo flexível, o uso das novas tecnologias, o amplo “cardápio” oferecido aos estudantes e o hábito do controle contínuo são pensados como uma propedêutica para a gestão de cenários de incertezas que os sujeitos vão encontrar ao concluir os estudos (Laval, 2019).

A partir dos pontos levantados por Saraiva e Veiga-Neto (2009), Sibilia (2012) e Laval

(2019), cremos que outras temporalidades estão sendo configuradas na escola contemporânea, diferentes daquelas que o projeto histórico da modernidade demandou para a escola (Sibilia, 2012) e que tanto Foucault (1999) quanto Thompson (2000) estudaram – temporalidades que ainda sobrevivem. Atendendo à proposta desta terceira parte, concluimos que a escola contemporânea tem incorporando gradualmente demandas da racionalidade neoliberal para correr em sincronia com a concorrência, que é a norma de conduta da nova racionalidade do mundo (Dardot; Laval, 2016) e o motor que impulsiona a aceleração (Sugarman; Thrift, 2017; Rosa, 2016).

Considerações finais

Nosso ponto de partida para as discussões aqui apresentadas foi a ideia de que existe um conjunto de temporalidades que, por serem contemporâneas e ocidentalizadas, são atravessadas pela racionalidade neoliberal. Feita essa constatação, realizamos este ensaio teórico com o objetivo de discutir como as temporalidades de diferentes acelerações podem contribuir para pensar o espaço e os currículos da escola contemporânea. Para isso, fizemos três movimentos: no primeiro, analisamos o conceito de aceleração e governo temporal sob o prisma da Psicologia; no segundo, investigamos outras formas de se compreender a aceleração e suas relações com o neoliberalismo; no terceiro, mostramos os efeitos das temporalidades sobre a escola contemporânea. Iremos sintetizar cada um desses movimentos a seguir.

Na primeira parte, nosso propósito foi apresentar o conceito de aceleração e seus efeitos em uma dimensão subjetiva, abordada sob a perspectiva da Psicologia. Baseamo-nos nos trabalhos de Sugarman e Thrift (2017) para compreendermos que tanto o nosso pensamento quanto nós mesmos estamos nos tornando fragmentados. Por esse motivo, a capacidade de formação de personalidades sólidas e duradouras tem sido prejudicada, ao passo em que as soluções apresentadas pela Psicologia para endereçar esse fenômeno apenas tem potencializado o estresse e a impotência vivenciada. Ainda nessa seção, apresentamos o conceito de governo temporal de Hernández Zapata e Bedoya Hernández (2022). Com isso, concluimos que a experiência temporal da aceleração é efetivamente produzida pelo neoliberalismo e tem efeitos nos processos de subjetivação por meio do governo temporal.

Na segunda parte, nos dedicamos a entender melhor o conceito de aceleração e como ele se aplica às temporalidades características da contemporaneidade. A partir das teorizações de Rosa (2016), entendemos que há pelo menos três categorias relacionadas à aceleração:



tecnologia, mudança social e ritmos de vida. Em todos os casos, vislumbramos a captura do tempo em prol da circulação e manutenção de valores neoliberais como a competição. O sujeito contemporâneo está sempre correndo para acompanhar as temporalidades aceleradas; todavia, seja por um efeito desalerador, seja por uma reação desacelerada à aceleração, acaba sendo culpabilizado pela sua suposta incapacidade de estar sempre à frente do seu tempo. Assim, concluímos que existem múltiplas temporalidades, aceleradas e desaceleradas, que são impulsionadas pela concorrência típica do neoliberalismo e coexistem no mundo social e em nossa subjetividade.

Na terceira parte, finalmente nos voltamos para o assunto principal do trabalho: os efeitos das temporalidades nos currículos escolares. Iniciamos fazendo uma distinção entre a escola moderna e a escola contemporânea, mostrando suas particularidades. Fundamentados nas teorizações de Foucault (1999), recordamos as funções e instrumentos operados pelo poder disciplinar tendo em vista a docilização dos corpos, a normalização dos sujeitos na escola moderna. Em seguida, acompanhando Vázquez Recio (2007), compreendemos que as práticas disciplinares desempenhadas nesse espaço visam a regulação das individualidades por meio de processos de sincronização com o ritmo do tempo *cronos*. Apesar disso, verificamos a existência de manifestações contrárias a essa sincronização, as quais entendemos ser processos de dessincronização.

Ainda nesse mesmo movimento, partimos para a discussão sobre a escola contemporânea. Apresentamos as marcas do neoliberalismo descritas por Sibilía (2012) e Laval (2019), os quais reiteram o papel da concorrência e a transmutação da escola em uma mercadoria. Apoiados em Saraiva e Veiga-Neto (2009), constatamos o fenômeno da presentificação, caracterizada pela vivência de um eterno presente que se desconecta do passado e impede de ver o futuro. Observamos a emergência de tendências como projetos de aprendizagem, pedagogia não diretiva, uso de novas tecnologias e tantas outras metodologias de ensino pautadas pela concessão do controle contínuo ao aluno que deve ser o gestor dos cenários de incertezas os quais irá vivenciar no mercado de trabalho contemporâneo. Dessa maneira, partindo dos pressupostos das pesquisas pós-críticas em educação e currículo descritas por Paraíso (2012), confirmamos a suspeita de que os currículos da escola contemporânea têm sido permeados pela concorrência própria do neoliberalismo e constituídos por temporalidades aceleradas que coexistem de formas sincronizadas e dessincronizadas. Ademais, convencemo-nos da tese de que tanto a norma de conduta quanto o modelo de subjetivação neoliberal pode ser compreendido desde uma perspectiva temporal



que produz efeitos nos currículos contemporâneos e, portanto, nas escolas e seus sujeitos.

Finalizamos este artigo ainda reflexivos sobre quais temporalidades estamos vivenciando e quais estamos proporcionando a nossos alunos. Se estamos investindo em temporalidades dessincronizantes, um caminho potencialmente frutífero se quisermos produzir sujeitos “desobedientes” (Gros, 2018), inclusive perante o atual projeto neoliberal. Nossa expectativa é que possamos continuamente nos dedicar à problematização do que temos feito dos tempos – ou do que eles têm feito de nós. Seja qual for a perspectiva, torcemos para que esta leitura tenha sido “[...] um convite para se imaginar outros tempos que admitam a sobreposição, a espessura e a simultaneidade” (Hernández Zapata; Bedoya Hernández, 2022, p. 2330, tradução nossa).

Referências

CARBONELL, Eliseu. **Debates acerca de la antropología del tiempo**. Barcelona: Edicions Universitat Barcelona, 2004.

CRISTIANO, Javier Luis. Tiempo-regla, tiempo-recurso y tiempo-sentido: aspectos de la estructuración del tiempo social. **Athenea Digital**, Bellaterra, v. 18, n. 3, p. 1-19, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2134>.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Sabrina Mendonça; EMILIÃO, Soymara Vieira. “Não é um ano perdido”: resistência de professoras, temporalidades e invenções em cotidianos escolares pandêmicos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 70, p. 403-412, jul./set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.60458>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCH, Mónica; SOUZA, Joseline Pequeno de. Clocks, calendars and cell phones: an ethnography on time in a high school. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 417-450, 2015. DOI: [10.1590/1809-43412015v12n2p417](https://doi.org/10.1590/1809-43412015v12n2p417).

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2018.

GUSMÃO, Luka de Carvalho; JESUS, Alan Willian de; MARQUES, Luciana Pacheco. Caleidoscópio do ser e dos tempos no currículo: quando as diferenças transbordam no cotidiano escolar. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 13, n. especial, p. 711-725, dez. 2020. DOI: [10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54741](https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54741).

HASSAN, Robert. **Empires of speed: time and the acceleration of politics and society**. Leiden: Brill, 2009.

HERNÁNDEZ ZAPATA, Edwin Alexander; BEDOYA HERNÁNDEZ, Mauricio Hernando.



Tiempo y gubernamentalidad: aproximaciones al gobierno del tiempo en el neoliberalismo. **Qualitative Report**, Fort Lauderdale, v. 27, n. 10, p. 2313-2336, 1 out. 2022. DOI: 10.46743/2160-3715/2022.5472.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEMOS, Tayara Talita; QUINALHA, Renan. O neoliberalismo do tempo presente e a urgência de uma justiça de transição pós-neoliberal. **Projeto História**, São Paulo, v. 77, p. 157-180, maio/ago. 2023. DOI: 10.23925/2176-2767.2023v77p157-180.

MAIA, Ari Fernando. Aceleração e educação: reflexões pontuais sobre a temporalidade na escola. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 368-383, 21 ago. 2017. DOI: 10.14244/198271992149.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-46.

ROSA, Harmut. **Alineación y aceleración**: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. 1. ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2016.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187-201, 2009.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes?**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPAT, Vanessa da Silva Rocha de Quadros. **O tempo no cotidiano da creche**: desafios e possibilidades. 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SUGARMAN, Jeff; THRIFT, Erin. Neoliberalism and the psychology of time. **Journal of Humanistic Psychology**, New York, v. 60, n. 6, p. 1-22, 1 nov. 2017. DOI: 10.1177/0022167817716686.

THOMPSON, Edward Palmer. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumbres en común**. Barcelona: Crítica, 2000. p. 395-452.

VALENCIA GARCÍA, Guadalupe. Aproximaciones a la pluralidad temporal. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 18 dez. 2012. DOI: 10.5216/hr.v17i1.21691.



VÁZQUEZ RECIO, Rosa. Reflexiones sobre el tiempo escolar. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, v. 42, n. 6, p. 1-11, 10 maio 2007. DOI: <https://doi.org/10.35362/rie4262373>.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. 9. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Ana María Bermúdez Alfaro. Mestre em Antropologia pela Universidade Nacional da Colômbia. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0079407949080528>

Fernando Fogaça. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4803852399087097>

Como citar

ALFARO, Ana María Bermúdez; FOGAÇA, Fernando. TEMPORALIDADES ACELERADAS NO NEOLIBERALISMO: um olhar para a escola contemporânea. **Revista Espaço Currículo**, v. 17, n. 2, e70375, 2024. DOI: 10.15687/rec.v17i2.70375

